

IRWIN, William. **Seinfeld e a Filosofia**: um livro sobre tudo e nada; tradução Marcos Malvazzi Leal, São Paulo: Madras, 2004.

Ruan Pedro Gonçalves Moraes¹

1. Credenciais do autor

William Irwin é Professor de Filosofia no King's College em Wilkes-Barre Pensilvânia, nasceu em 1970 e residiu em Yonkers, New York. Entrou na Regis High School em Manhattan, uma instituição Jesuíta, graduando-se em 1988. Graduou-se em Filosofia na Universidade Fordham em 1992, tendo frequentado Fordham com uma bolsa presidencial completa. Ele recebeu seu Ph.D. em Filosofia pela Universidade de Buffalo, a Universidade Estadual de Nova York, em 1996, aos 26 anos. A dissertação de Irwin, *Harmonizing Hermeneutics: The Normative and Descriptive Approaches, Interpretation and Criticism*, foi premiada com o Prêmio Perry para Dissertações Destacadas em Filosofia. Seu diretor de dissertação foi Jorge J. E. Gracia. E.D. Hirsch, Jr. foi seu avaliador externo. Publicou artigos e resenhas a respeito de Hermenêutica, de Sartre, de Platão, de Filosofia da Lei e de Pedagogia Filosófica. O professor Irwin é mais conhecido por ter originado o gênero livro "filosofia e cultura popular", à qual se integram obra como *Matrix – Bem-vindo ao deserto do real*, *Os Simpsons e Filosofia* e *Ob! De Homer*.

2. A obra

O livro é uma reunião de ensaios de vários colaboradores fãs de Seinfeld, que ensinam e escrevem na área de Filosofia. Seinfeld é a comédia de situação mais popular da década de 90, tem como enredo os absurdos da vida cotidiana de quatro amigos solteiros que vivem em Nova York: Jerry Seinfeld, George Constanza, Elaine Benes e o excêntrico vizinho Cosmo Kramer. Os ensaios estão dispostos em quatro atos, que dividem o livro. O Ato I *Os personagens*, apresenta quatro ensaios, cada qual examinando um dos membros dos quatro personagens principais pela lente filosófica. O Ato II *Seinfeld e os filósofos* consiste em quatro ensaios, cada um tratando de um filósofo histórico ou de uma filosofia histórica, examinando com lentes seinfeldianas. O Ato III *Meditações prematuras ao lado do bebedouro*, é composto de três ensaios, cada um explorando uma questão filosófica levantada pelo programa. E o Ato IV, *O que há de errado nisso?* Consiste em três ensaios explorando questões éticas, usando Seinfeld como base.

O primeiro capítulo *Jerry e Sócrates: a vida examinada?*, Willian Irwin deseja identificar as semelhanças e diferenças entre Sócrates e o personagem chefe de Seinfeld, Jerry. Uma primeira semelhança notada seria a dúvida entre Sócrates ser um personagem utilizado por Platão, ou ser uma pessoa real, e o mesmo acontece com Jerry, já que ele é baseado na própria pessoa que faz seu papel: Jerry Seinfeld da série é inspirado em Jerry Seinfeld o comediante da vida real. Sócrates é descrito como um homem dedicado a seus princípios e a melhorar a vida das outras pessoas, fazendo-as olhar para si próprias. O que distancia o filósofo de Jerry.

Mas ambos também são como moscas importunando um cavalo. Sócrates provocava as pessoas da cidade a ter uma vida examinada que, segundo ele, seria o maior bem. Já Jerry, provoca seus amigos e seu público fazendo todos pensarmos em assuntos que, de outra forma, não pensaríamos. No entanto, as questões de Sócrates visavam à vida boa, enquanto que Jerry é muito mais trivial. Ambos buscam a natureza e a essência das coisas,

¹ Graduando do Curso de Licenciatura em Filosofia pela UFPI; Bolsista do PET Filosofia/UFPI.

ambos fazem perguntas óbvias e se utilizam do recurso linguístico da ironia. Na análise final do autor, Jerry e Sócrates diferenciam-se bastante, o filósofo era um exemplo de ser humano, sempre sereno, admirável e viveu uma vida examinada até o fim, já Jerry vive uma vida examinada, mas de maneira nenhuma exemplar.

No segundo capítulo, intitulado *A busca frustrada de George pela felicidade: uma análise aristotélica*, o autor Daniel Barwick mostra os pontos da personalidade e os modos de agir de George vistos numa perspectiva aristotélica. George é um fracasso, uma consequência da sua personalidade patética, melancolia e cínica, ele tem ataques de fúria, obsessão, luxúria, depressão, alegria forçada e vazia. Diferente da filosofia de Aristóteles que ensinava que todo homem tem partes da alma racional, dividida em sabedoria teórica e prática. George parece não possuir virtudes, ele é o que Aristóteles chama de “os muitos” que contrastam com “os sábios”. George é um excelente exemplo de como não viver a vida. As emoções o afetam da maneira prevista por Aristóteles, os dois são verdadeiros polos opostos.

Diferente da filosofia aristotélica que visa a mediania, George opta sempre pelos extremos e, dessa forma, jamais será feliz segundo o filósofo grego. Em Aristóteles a felicidade é uma atividade da alma, está guiada pela razão; já para George, é questão de pura sorte. Sua felicidade não é nenhum pouco provável, pois ele está à mercê de suas paixões e deixa-se sempre levar por essas inconstâncias que trazem futuros incertos. Para Aristóteles a ação virtuosa deve evitar o extremo mais oposto e o extremo mais fácil, assim como também tomar cuidado com os prazeres, tornando, como percebemos, o percurso bastante improvável para que o personagem seinfeldiano se adeque a uma vida virtuosa.

No capítulo 3, intitulado *Elaine Benes: Ícone feminista ou apenas um dos rapazes?*, a autora Sarah E. Worth busca o pensamento feminista para tentar compreender o papel da personagem Elaine dentro do programa. Elaine é bem diferente do estereótipo feminino da TV. Mas ela é feminista? Sobra primeiro caracteriza o feminismo (ou feminismos) para após isso, fazer uma análise de Elaine. O Feminismo visa a conquista de iguais oportunidades entre homens e mulheres, e na verdade, Elaine é a mais bem-sucedida dos quatro amigos, mas isso não a faz feminista. Elaine poderia defender de forma indireta o feminismo, uma vez que é uma mulher independente emocional e financeiramente dos homens.

A autora faz uma diferenciação entre ética do cuidado (feminina) e a ética da justiça (masculina). Uma vez que Elaine não se comporta conforme a ética feminina, podemos até apontar diante de seus comportamentos que ela é um dos rapazes, deixando sua feminilidade e ética do cuidado para trás. Ela é fútil, não se preocupa com ninguém além dela mesma, e jamais faria o papel de mãe, presente numa ética do cuidado. Com seus namorados ela também é fútil, termina namoros por motivos banais, ela é imoral nos seus relacionamentos. Mas com certeza, ela foge do ideal feminino apontado em outras mulheres da mídia. Porém não é forte o suficiente para ser feminista, passar pelo crivo social que mulheres declaradas feministas passam, jamais seria o comportamento de Elaine, ela preocupa-se de mais com o que os outros pensam dela.

O capítulo 4 trata de Kramer, intitulado *Kramer e Kierkegaard: estágio no caminho da vida*, onde William Irwin aborda a filosofia existencialista de Kierkegaard, considerando a teoria dos três estágios: o estético, o ético e o religioso. O estágio estético se caracterizaria pela busca de prazer e por uma falta de compromisso; já o ético é aquele em que o indivíduo se compromete com os valores sociais, bem exemplados pelo “pai de família”; e o estágio religioso transcende os valores da sociedade e descobre um dever absoluto com Deus. Para o autor, Kramer é o perfeito representante do estágio estético. Sua busca constante por prazer e as mudanças constantes do que ele acha prazeroso, pode carregar algum desespero do qual não fomos informados na série, mas temos algumas pistas. Kramer está sempre tentando satisfazer seus impulsos mais básicos e imediatos, sempre numa fuga do tédio, esquece, é egoísta, é amoral. E, além de tudo, essas trocas constantes de foco, são de uma

coisa trivial para outra. Para o autor, podemos fazer um paralelo entre o “homem A” de Kierkegaard e o “homem K” (Kramer) de Seinfeld, ambos não querem prender-se a qualquer comprometimento duradouro. Coisas como casamento e família até mesmo amizade podem restringir liberdade da pessoa. Assim, os relacionamentos de Kramer nunca duram muito tempo, ou não fazem tanta diferença assim.

Segundo Irwin, para Kramer chegar ao estágio ético seria preciso, primeiro, ele escapar dos seus desesperos, comportar-se como a sociedade valoriza, ligar-se firmemente ao dever e à obrigação. Para que isso acontecesse, Kramer teria que se livrar da sua cultura de rotação, da busca contínua por novos prazeres. E o estágio religioso, seria possível para Kramer?, pergunta o autor. Para ele, Kramer é incapaz de dar tamanho salto de fé, e abdicação da vida que possui. O estágio religioso é para o autor o mais difícil de se entender, nesse estágio ocorre uma superação até mesmo do universal. Os mandamentos universais mantidos em sociedade, que servem de guia no estágio ético, são encobertos pelo mandamento divino. O estágio religioso requer um nível de fé raramente visto e, uma vez que até o fim da série Kramer não está nem no estágio ético, para o Irwin, só encontrando Deus, Kramer teria alguma chance.

O autor Eric Bronson examina algo de nada em Seinfeld, no sofismo e no taoísmo no capítulo cinco intitulado *Fazendo algo de nada: Seinfeld, sofisma e o Tao*. Bronson inicia sua discussão acerca da própria caracterização do programa de comédia, como sendo um programa sobre nada, utilizando-se das discussões dos filósofos clássicos que se preocupavam com a questão do nada. Para Parmênides, o nada não existia; já Platão defende o nada, insistindo que em tudo que dizemos e sabemos existe um elemento de nada. Por outro lado, os sofistas, por não se empenharem em seguir algo de real ou verdadeiro, tratavam, na verdade, de coisas que não existem. O Sofista, dessa forma, se baseia em nada. Diferente dos sofistas, o nada de Seinfeld se aproxima mais do nada defendido por Platão. Seinfeld é alguma coisa diferente de algo útil ou interessante, ou seja, não possui nada diferente daquilo que é comum e trivial. No nada existe algo de diferente, e é nessa linha de raciocínio que algo também contém algo de nada.

Bronson faz também um paralelo entre os pensamentos de Buda, Lao-tsé e a série cômica Seinfeld. Tanto Lao-tsé quanto Buda acreditavam em grandes feitos vindos do nada, ou melhor, da inação. Compreender devidamente o nada, para eles, poderia ter grande utilidade para alcançar a paz e a felicidade terrena. Ao contrário de Seinfeld, que trata do nada, o taoísmo entende que nada faz alguma coisa acontecer, o universo teria surgido do nada. O autor cita alguns casos em que fazer nada realmente mudou o jogo, e nota que uma pessoa precisa, na verdade, ter muita coragem, disciplina mental e fortitude para não fazer nada. Mas e Seinfeld? É realmente um programa sobre nada? O que foi visto em todas as temporadas? Bronson conclui que se Seinfeld é sobre nada, esse é certamente um nada engraçado. E isso já seria alguma coisa.

O capítulo 6 intitulado *Platão ou Nietzsche? Tempo, essência e a eterna recorrência em Seinfeld*. Escrito por Mark T. Conard, este capítulo inicia com uma abordagem sobre o tempo como problema, tanto num viés filosófico quanto dentro da comédia. Nietzsche fala sobre a meta da melodia, que não está no seu fim, mas sem um fim a melodia não tem meta. Para o autor, podemos ver o humor da mesma forma, a piada visa alcançar um determinado efeito, fazer rir.

Passa-se pela concepção da vida humana, da finitude que dá importância às coisas. Em Kant, diz o autor, o espaço é uma forma de sentido exterior, mas o tempo é a forma do sentido interior. Tanto passado, quanto presente e futuro, só fazem sentido se levados em consideração no fluxo do tempo. Para Kant o tempo dá forma ou estrutura as informações sensoriais. Já Newton entendia o tempo como algo absoluto e independente de nós.

Analisando o mundo de Seinfeld a partir dos pensamentos de Nietzsche sobre o eterno retorno Conard faz uma comparação: enquanto Nietzsche acreditava que o mundo

se encontra em fluxo sempre mutável, uma contínua combinação e recombinação que se dá infinitamente, o universo de Seinfeld, ao contrário, é recorrente, justamente porque nada muda. As situações estão sempre se repetindo, se não totalmente idênticas, recorrem em espírito. Jerry troca sempre de namoradas, George não segura o emprego, Kramer está sempre mudando de planos e Elaine tem problemas recorrentes com homens.

Em seguida o autor traz de Platão a ideia do mutável versus o imutável. Segundo o filósofo grego, o mundo cotidiano é mutável porque ele é menos real. Haveria um mundo perfeito, real de fato, de onde as formas do mundo são copiadas de um modelo ou forma imutável. Essa é a teoria das formas que pretende falar da essência das coisas. O autor finaliza apontando que assim como a melodia, a piada possui uma essência, ela deve fazer rir, uma piada ruim é uma cópia malfeita de algo transcendente.

Os personagens seinfeldianos possuem essências. Possuem uma recorrência diferente da apontada por Nietzsche, nenhum deles muda. Os diretores podem brincar com personagens opostos justamente porque eles não são dinâmicos e nem complexos. Os quatro amigos são como as formas platônicas, para cada um deles o tempo é irrelevante, pois não causará nenhuma diferença.

Seinfeld, subjetividade e Sartre é o título do capítulo 7, onde a autora Jennifer MacMahon faz uma comparação entre a concepção sartreana do Eu e como isso é tratado em Seinfeld. Para MacMahon, a série consegue ilustrar muito bem o aspecto relacional do Eu, defendido por Sartre, que inscreve o encontro do Eu na relação com os outros.

Defendendo-se das críticas céticas a respeito da possibilidade de Seinfeld nos ajudar a entender filosofia, a autora responde referindo-se ao aspecto pedagógico por trás das ficções, pois elas fazem parte dos nossos métodos de aprendizagem há milhares de anos. É por representarem muitos aspectos da realidade que Seinfeld poderia nos dizer algo das nossas vidas, por exemplo, que elas são sobre nada.

Para Sartre, o subjetivo emerge dentro de uma estrutura social e histórica, essa é sua teoria relacional do Eu. Isso gera uma confusão com o termo “nada”, usado pelo filósofo para descrever a consciência. A autora justifica essa escolha: o nada significa uma distinção entre consciência e os objetos, a consciência deve ser separada dos objetos para ter a percepção deles, assim, os objetos são o ser, a consciência o não-ser. A consciência não é palpável, o termo “nada” reflete a intangibilidade da consciência. Sartre usa o termo “nada” para deixar claro que a consciência não indica, nem é sinônimo de um Eu essencial ou sobrenatural.

A autora defende que em Seinfeld podemos observar algo a respeito desse Eu de Sartre. Tanto um quanto outro demonstram que a identidade pessoal emerge em um contexto relacional. É por meio da inseparabilidade das identidades dos personagens que Seinfeld demonstra isso. Para MacMahon os personagens definem-se mutuamente. Uma amizade tem esse poder, porque quanto maior a proximidade, maior o poder de interferência no outro. Os quatro amigos da série, por exemplo, sabem muito bem que podem ser “eles mesmos” quando juntos. Essa liberdade, para a autora, é importante na formação do Eu, e todos seriam diferentes não fossem os amigos como são.

MacMahon aponta que há um perigo nesse processo da formação do Eu que Sartre vê com cautela. Ele se preocupa com a influência que os outros podem ter nas nossas vidas, podendo essa construção do Eu se tornar um objeto de controle. A autora utiliza o último episódio de Seinfeld para exemplificar esse aspecto na formação do indivíduo. Neles os quatro amigos são presos por não prestarem ajuda a um homem que havia sido assaltado, por desobedecerem à lei do bom samaritano. Enquanto que durante o julgamento, as testemunhas possuíam uma visão dos quatro amigos, eles mesmos e os telespectadores viam diferente, e é justamente essa proximidade que faz toda diferença. E o fato de todos os amigos irem para a prisão, demonstra a influência poderosa que os amigos exercem sobre a identidade do outro. Conclui a autora que tanto Sartre quanto Seinfeld revelam que os outros

são essenciais para o desenvolvimento do Eu.

A autora do capítulo 8, *Wittgenstein, Seinfeld e o lugar-comum*, Kelly Dean Jolley, cuida da visão seinfeldiana a partir dos pensamentos do filósofo Wittgenstein. Uma primeira semelhança que pode ser percebida entre o filósofo austríaco e a série de comédia americana é um aparente fracasso assumido. Wittgenstein admite que jamais poderia ter escrito o livro *As Investigações Filosóficas* como imaginara, pois a deturpação de seus pensamentos estava ligada à própria natureza da sua investigação. E Seinfeld admite que seja um programa sobre nada, e conseqüente ser. No entanto, ambos se descrevem, mas não fracassam.

Em *As Investigações Filosóficas* o filósofo confessa ao leitor que aquilo que nos parece mais familiar é justamente o que deixamos de ver, por causa de sua familiaridade. Ele ainda ataca a ilusão de “levar algo a sério”, diz que não se trata de uma ação mental, uma vez que familiaridade e levar algo a sério não estão conectados. É possível alguém dizer uma frase sem levá-la a sério e sem sentimento. Ora, os sentimentos são bem mais fáceis de alcançar que o significado do que é dito. O pensador austríaco afirma que os verdadeiros fundamentos não são notáveis até que o fato de não serem notáveis se torna notável. Pois a listagem dos verdadeiros fundamentos em uma ordem natural e sem interrupções não conseguiu fazer com que eles fossem notados. Wittgenstein passa então, a fazer algo diferente. Ele faz observações, importuna, descreve, rearranja, lembra. Ele age assim para poder reorientar a investigação filosófica, fazer seu leitor ver o lugar-comum realizando seu trabalho verdadeiramente fundamental.

Dean aponta, ainda, que o compromisso de Wittgenstein com o lugar-comum, sua investigação da superficialidade, ou das superfícies, reflete-se no compromisso de Seinfeld com os lugares comuns da vida contemporânea, sua investigação da vida contemporânea. Seinfeld é um programa acerca do nada, pois é um programa a respeito do que se passa despercebido devido à familiaridade.

O capítulo 9, de autoria de Jason Holt, intitulado *A Manobra Costanza: é racional para George “fazer o contrário”?*, discute se a “Manobra Costanza” praticada pelo personagem George, que ao se deparar com as conseqüências ruins que suas escolhas durante a vida lhe trouxeram, decide fazer o contrário do que normalmente faria. Seria essa uma atitude racional?

O autor diferencia racionalidade de moralidade precisamente. Ele entende que razão e moral não são necessariamente conectadas, uma vez que é possível ser racional par fazer algum mal. Com isso, ele alega que a “Manobra Costanza” não se presta a ser uma orientação moral para as ações, mas sim um princípio racional. A razão diz o que deve ser feito, independente dos desejos. Segue o autor com suas colocações dizendo que as pessoas morais cedo ou tarde se doam. Ser moral parece acompanhar o autosacrifício, o que não é o caso de George.

“O que significa racionalidade?”, pergunta Holt. Há vários sentidos para “razão” e “racional”. Um indivíduo ser racional ou irracional naquilo que pensa, ou faz, ou no que quer. Um simples desejo não requer racionalidade para surgir, mas para se formular estratégias, princípios ou orientações para as ações diante desse desejo, pode-se muito bem ser racional. Então, há razão para George fazer o contrário? George faz o contrário porque acredita que dessa maneira obterá o que quer. Seria então um comportamento minimamente racional, pois dá sentido ao seu comportamento, mas é um sentido fraco, diz o autor. A “Manobra Costanza” só será racional se for minimamente confiável.

Holt explica que não é porque tudo que George faz dá errado, que fazer o contrário dará certo, primeiro porque encontrar o contrário de uma coisa exige certo esforço. Extremos podem não ser contrários, mas apenas opostos. Segundo, é que, apesar da racionalidade ajudar na consecução de um fim, o cumprimento de um fim não está necessariamente ligado à racionalidade.

O autor defende que, apesar de tudo ter dado certo no episódio em que George faz

o contrário, isso não valida a manobra. Holt diz que devido à vontade dos diretores, a ideia de George pode ser muito bem-sucedida, mas olhando cada caso individualmente, eles são, na verdade, bastante improváveis. E examinando num longo prazo, a própria estratégia da manobra garantiria sua derrota. Ora, fazer o contrário é agir diferente do habitual: se George agir sempre assim, o contrário se tornará um hábito, a manobra se tornaria o alvo dos próprios princípios, sendo assim, ela falha de um jeito ou de outro.

Conclui o autor apontando que a característica impulsiva de George, torna impraticável a execução da Manobra Costanza. Mas apesar de tudo, George não é tão malsucedido fazendo o que sempre faz, e uma vez que a manobra é inconfiável e implausível, George deve abandoná-la, seria o mais racional.

O capítulo 10, *Peterman e a meste ideológica: paradoxos de subjetividade*, de Norah Martin aborda o tema da mente ideológica, através do personagem J. Peterman de Seinfeld. Aponta ela que existem duas formas de funcionamento para uma ideologia, podendo ser tanto por ironia, quanto por cinismo. O cínico vê uma realidade fora das ilusões apresentadas pela ideologia, que forma nosso mundo e nossa realidade. Sem qual não podemos ter uma experiência coerente e consistente. A ironia, por outro lado, envolve a redução da realidade em si a uma ficção. O irônico se diverte com isso, o cínico quer fugir disso. Peterman é irônico, pois se diverte com a própria ficção que é sua vida. Já Elaine é cínica, ela acha a ficção uma conversa fiada inútil.

Segundo a autora, o personagem Sr. Peterman revela, de forma bastante eficiente, o que Slavok Zizek, um laciano marxista, chama de “ideologia performativa”, para se referir uma noção de que estamos vivendo numa ideologia e lidando com uma ficção, mas agimos como se fosse tudo real, assim é revelada a superficialidade do indivíduo em sociedade, que está envolto numa ideologia, podemos assim, ver a verdade da subjetividade. O dinheiro, por exemplo, é tido por todos como algo valioso ao mesmo tempo que é sabemos que se trata de um pedaço de papel pintado.

O Sr. Peterman não é nada em si. Sem as narrativas, as roupas e as “coisas que fazem a vida ser como ele gostaria que fosse”, ele não é nada. Ele representa a todos nós completamente. Nós reconhecemos onde estamos vivendo, na ficção que nos apoiamos e, mesmo assim, acreditamos como faz Peterman. Ele e nós somos ironistas, nós compreendemos nosso próprio compromisso com a ficção. O cínico sofre, o ironista reconhece a necessidade da ficção e aprecia o absurdo dela.

Jorge J. E. Gracia é o autor do capítulo 11, intitulado “O segredo do humor de Seinfeld: a significância do insignificante”. E é justamente essa a tese de Gracia, de que a comédia significa o insignificante. O autor pretende descrever em que consiste aquilo que chamamos de triste e o que dizemos ser engraçado e, ao mesmo tempo, quer identificar o que torna Seinfeld, um programa sobre coisas triviais e comuns, tão famoso e bem-sucedido.

Para Gracia, o que nos faz rir na comédia é a significação do insignificante e, ao contrário, o que nos deixa triste, nos faz chorar, é a *insignificação* do que é significativo. Seinfeld faz isso, levando o telespectador a notar a relevância dos lugares-comuns. O engraçado é leve, trivial e comum, já o que é triste é pesado, singular e significativo. A comédia revela a relevância daquilo que não damos atenção, do outro lado, a tragédia mostra-nos que o que consideramos importante na verdade não é. É o peso que o insignificante tem que o torna engraçado quando notado, e o que é triste, é aquilo que nós percebemos ser sem valor.

É esse o papel de Seinfeld. O autor se utiliza de vários exemplos do episódio “A saída”, pra demonstrar sua tese. Nesse episódio, os estereótipos dos homens homossexuais são colocados em relevância. E é no momento em que o público percebe que não percebia que tudo se torna significativo e, assim, engraçado. Percebemos nossos preconceitos e intolerâncias, e todos rimos, “não que haja algo de errado nisso”.

No capítulo 12, *Seinfeld e a vida moral*, escrito por Robert A. Epperson, busca-se identificar se Seinfeld possui alguma base ética, e qual seria ela. Robert diz que um dos temas

básicos do programa é a conduta apropriada. Ele considera que Seinfeld trata da conduta certa, da vida moral na sociedade contemporânea. Mas levanta o problema referente à indeterminação, ou seja, a dificuldade em se estabelecer a conduta certa para sermos moralmente correta. Apontando que existem complicações quando queremos definir, na moralidade, até mesmo termos morais como “certo” e “errado”.

Para Robert, há uma diferença que deve ser esclarecida, dentro da expressão “vida moral de integridade”, que se dá justamento entre vida moral e vida íntegra. O autor mostra que não há relação necessária entre ambas. Alguém pode seguir suas próprias convicções e ser, dessa maneira, uma pessoa íntegra, mas não se pode dizer que ser íntegro está ligado a ser um agente moralmente correto.

Quanto à relação com a integridade moral, há o dogmatista, num extremo, e o relativista juntamente com o niilista, no outro. Nenhum dos personagens de Seinfeld tem tais relações de integridade. Para o autor, uma vida moral leva em conta a falibilidade dos exames morais. Só percebendo que os juízos morais têm certa zona de abrangência, que não tendem a todos os casos, é que posso começar a ter uma vida moral.

Em defesa da possibilidade de o programa de comédia possuir alguma relevância para a discussão no âmbito ético, o autor faz alusão aos problemas que enfrentamos diariamente. Uma vez que só há condição moral em sociedade, as principais questões que surgem cotidianamente sobre o que fazer de certo ou errado se dão na vida comum, no banal, Seinfeld, por tratar justamente do trivial, do lugar-comum, pode fornecer suporte para essa discussão moral.

Os personagens não estão sendo guiados por livros ou leis sagradas, afirma Robert. Muitas vezes, eles fazem o que pensam que deveria ser feito, independente de qualquer outra coisa, e isso os leva a situações indesejadas. Eles são imperfeitos, mas é o pulo fora dessa “natureza” que os faz agir moralmente.

Respondendo críticas ao programa, que expressam descrença quanto à representação de alguma vida moral no programa, e dizem que os personagens apenas seguem regras de etiqueta daquele circuito social, o autor aponta inúmeras situações em que o programa vai além das maneiras socialmente aceitáveis de comportamento. Temas como moralidade sexual, ética empresarial, entre outros, são pano de fundo de vários episódios.

Mesmo dizer que Seinfeld é um programa a respeito de regras de etiqueta, para o autor, não entra em contradição com a moralidade tratada no *sitcom*. Os Personagens são colocados por Robert em nível de apropriação com a moral, ou seja, seus níveis de consideração e reflexão sobre moralidade das suas ações, em ordem crescente temos: Kramer, Elaine, George e Jerry. Kramer é o menos moralmente conflitante de todos. Elaine representa uma convicção de que devemos agir corretamente para ter uma vida feliz. George é sem dúvida o mais conflitante, está sempre desesperado em fazer o que é certo, mas falha por sua baixeza. Jerry quase nunca leva em consideração alguma lei moral, mas isso não significa que não tenha interesse em agir corretamente.

Em conclusão, o autor compreende que, pelos motivos acima colocados, Seinfeld possui grande valor quanto aos temas da moralidade, e que seus personagens têm preocupações morais em fazer o correto e viver bem e feliz com suas escolhas.

No capítulo 13, *A ética da virtude e a série Seinfeld*, Aeon J. Skoble começa fazendo uma descrição do atual estado da moralidade, apontando que ela se caracteriza por ser problemática e confusa. Para este autor, nem a ética Kantiana nem a utilitarista dão conta de solucionar tais entraves, seria papel da ética das virtudes aristotélicas cumprir tal função, de esclarecer a moralidade contemporânea.

A ética de Aristóteles se resume a uma ética do caráter, em contraste com as teorias utilitaristas e kantianas, diz Skoble. Na ética das virtudes, o paradigma de moralidade pode ser expresso na questão: “que tipo de caráter eu devo desenvolver?”, que é justamente o problema levantado frequentemente pelos amigos da série Seinfeld. Jerry e George querem

responder essa questão quando se encontram diante de um dilema moral. É com o caráter, com o tipo de pessoa que se é quando se faz determinada coisa, que está o foco das questões morais para os amigos.

Um indivíduo virtuoso precisa fazer três coisas segundo Aristóteles: desenvolver sabedoria prática, descobrir e imitar modelos positivos e praticar a boa ação. Para aprender virtude, também é preciso estudar os elementos fundamentais (observando o meio termo entre os extremos), observar aqueles que vivem bem e praticar, praticar, praticar.

O autor nos mostra, por meio de uma série de situações ocorridos em alguns episódios, que tanto Jerry quanto George não estão levando em consideração qualquer regra ou consequência quando querem fazer a coisa certa, mas sim, atentando para o tipo de pessoa que eles estariam sendo se agissem de uma determinada forma. Aristóteles fala de um indivíduo com plena sabedoria prática (*phronemos*), cujo modelo seria racional imitar, esse é alguém que deve ser observado e com quem é possível aprender. Em relação à George tal *phronemos* seria Jerry, uma vez que Jerry é tudo que George desejaria ser. Melhor que Jerry é o contrário de George, uma vez que tudo que ele faz é errado e culmina em fracassos.

Para Skoble, os personagens que mais se distanciam de uma ética das virtudes são Elaine, pois ela basicamente se preocupa com regras de etiqueta, e Kramer, que está afastado do resto da cultura, de forma que não pode praticar virtudes. Newman, um personagem que é procurado para dar conselhos por Elaine e Kramer, está muito longe de ser um *Phronemos*.

No último capítulo do livro, de Theodore Schick Jr. intitulado: *O último episódio: fazer nada é alguma coisa?* O autor quer abordar o caso do último episódio de Seinfeld em que Jerry, George, Elaine e Kramer são presos por não prestarem ajuda a um homem que estava sendo assaltado, violando assim a lei do bom samaritano, vigente na cidade onde se encontravam. Schick questiona se a inação dos personagens pode ser realmente passível de punição.

Há uma referência as leis do tipo “o bom samaritano” que vigoram na França e em outros países, assim como a defesa da não obrigação de agir, que existe em países como os Estados Unidos e a Inglaterra. Os libertários são a favor de um único tipo de direitos, os “direitos negativos” que cuidam de defender a não intervenção na liberdade dos indivíduos. Por outro lado, aqueles que defendem a lei do bom samaritano, Jesus, por exemplo, entendem que ajudar ao próximo é uma obrigação. Uma vez que sem esse suporte muito, onde cada indivíduo dá atenção não apenas para sua liberdade, mas também para a comunidade, tudo desmoronaria. É a ideia por trás do comunismo.

Mas somos mesmo obrigados a ajudar? Quanto devemos nos doar? Para alguns como Judith Jarvis Thomson, ser bom samaritano pode apenas ser um ideal moral, e não uma exigência moral. Seria exigir demais que algumas ações fossem realizadas, pois deslocaria drasticamente o percurso normal das pessoas, aquele que elas mesmas escolheram.

Para o autor, na verdade, diante de situações comuns, temos o dever de sermos samaritanos minimamente decentes, no sentido de que em ocasiões em que ajudar o próximo não vai alterar nossa vida para pior, nem para melhor. Nesses casos, não agir seria injustificado. Dando exemplos de James Rachels, o autor demonstra que não agir, em alguns casos, pode ser tão imoral quando assassinar. Jerry e os amigos estavam aquém de serem samaritanos minimamente decentes e, por isso, devem ser punidos por suas inações.

Concluindo o autor apontando que as acusações do promotor do caso, no episódio em questão, tinham o caráter dos personagens como a questão para declará-los culpados ou inocentes. Theodore defende que apesar de agirem mal algumas vezes, os personagens não podem ser considerados pessoas más, mas também não são bons samaritanos.

Considerações finais

Irwin pretende demonstrar que uma série de comédia americana dos anos 1990 possui recursos e potencial para servir como ferramenta de discussão e aprendizado em

Filosofia. Tem êxito. *Seinfeld e a Filosofia: um livro sobre tudo e nada* atrai tanto o público acadêmico versado em filosofia, quanto o público em geral e principalmente mesmo os fãs de Seinfeld.

É por tratar de temas comuns que Seinfeld permite uma ampla gama de temas para debate, podendo ser um poderoso suporte para visualização dos problemas filosóficos e suas perspectivas. Os personagens e as situações apresentadas pelo *sitcom*, não são tão complexos quanto possíveis, nem os mais surpreendentes. São mundanos e triviais, e justamente por isso podemos nos familiarizar com eles, atentando para os detalhes do nosso cotidiano, do nosso círculo social, nossas maneiras de ver e lidar com as ocorrências e pessoas que encontramos diariamente.

William Irwin juntamente com os colaboradores do livro utilizam-se muito bem dessa aproximação. Mesmo quem nunca assistiu Seinfeld pode aproveitar o debate filosófico. Não faltam descrições e citações dos diversos episódios que servem de pano de fundo para as discussões. Para quem deseja se aprofundar mais, e até mesmo rir com uma leitura filosófica, *Seinfeld e a Filosofia: um livro sobre tudo e nada* é sem dúvida, um livro para se divertir.